

Melancolia e Mal-estar em Pedro Paixão

Andressa Marques Pinto¹

RESUMO: O presente trabalho pretende fazer uma leitura do conto “Quinta dos Lobos”, do autor português Pedrão Paixão, procurando apontar como o mal-estar freudiano manifesta-se no personagem Ariel Goldberg. Pretende-se demonstrar que tal sentimento é inerente ao personagem, vindo de seu interior.

Palavras-chave: Literatura Contemporânea; Mal-estar; Melancolia; Pedro Paixão.

RESUMEN: Este trabajo pretende hacer una lectura del cuento “Quinta dos Lobos”, del autor portugués Pedro Paixão, procurando señalar como el malestar freudiano se manifiesta en el carácter del personaje Ariel Goldberg. Es la pretensión del trabajo mostrar que este sentimiento es inherente al carácter del personaje, viene de su interior.

Palabras clave: Literatura Contemporânea; Malestar; Melancolía; Pedro Paixão.

Introdução

Durante o século XIX, o Velho Mundo passou por um processo contínuo de avanço tecnológico e industrial que possibilitou sua afirmação como o continente mais poderoso do globo. O triunfo da razão e o crescente poder de transformação que o homem adquiria sobre a natureza faziam crer que a humanidade estava atingindo seu mais alto nível civilizatório.

Porém, a esperança eufórica deste desenvolvimento começou a ruir no início do “breve século XX” (HOBSBAWN, 1995), em 1914, com a Primeira Grande Guerra Mundial. Inicialmente, tal conflito não apontava para as proporções que tomaria – seus contemporâneos acreditavam que seria uma guerra rápida e localizada – mas era apenas o início de um grande período de lutas generalizadas que fez do século XX o cenário de um dos episódios mais

¹ Mestranda do Programa de Mestrado em Estudos Literários da Universidade Federal de Juiz de Fora.

insanos da história da humanidade, o holocausto. Sem presenciar tal evento, Freud diz sobre esse período:

Os homens adquiriram sobre as forças da natureza um tal controle, que, com sua ajuda, não teria dificuldades em se exterminarem uns aos outros, até o último homem. Sabem disso, e daí que provém grande parte de sua atual inquietação, de sua infelicidade e de sua ansiedade. (FREUD, 2006, p 105)

Nesta perspectiva, Freud (2006) discorre sobre o *Unbehagen*, o mal-estar na civilização, que se manifesta por um desconforto sentido pelo indivíduo por conta da renúncia de suas pulsões, e que pode ser verificado em qualquer estágio e tipo civilizatório, embora se manifeste sob aspectos diferentes.

Ao buscar as fontes que proporcionam o sentimento de infelicidade ao homem, na civilização tal qual conhecemos, Freud (2006) aponta três como principais, sendo duas delas naturais – seu próprio corpo, cuja decadência aponta para a dissolução, e a superioridade do poder da natureza –, e uma fonte de cunho social, que diz respeito às relações com os outros homens e à inadequação às regras que procuram ajustar tais relações. Quanto aos dois primeiros fatores, não há outra saída senão a resignação ao inevitável; contudo, quanto ao terceiro fator, a postura humana é diferente, e é dele que nasce o sentimento de hostilidade à civilização, uma vez que

o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça [...] seja qual for a maneira por que possamos definir o conceito de civilização, constitui fato incontroverso que todas as coisas que buscamos a fim de nos protegermos contra as ameaças oriundas das fontes de sofrimento, fazem parte dessa mesma civilização. (FREUD, 2006, p 110)

Assim, com o intuito de se proteger contra a natureza e de regular suas relações mútuas, o homem abdica de seus impulsos mais primitivos, sendo os mais caros os impulsos sexuais e os agressivos. Como bem sintetiza Rouanet (1993),

Essas renúncias são em parte impostas pela autoridade externa. E em parte pela ação da autoridade externa introjetada, o Superego, continuação endopsíquica do pai e dos seus sucedâneos no mundo adulto. As pulsões sexuais são parcialmente sublimadas, transformando-se em ideais coletivos, e as agressivas, recalcadas, são transferidas ao Superego, que as dirige ao próprio indivíduo, sobe forma do sentimento de culpa. Este aumenta, portanto, com cada sacrifício da pulsão

agressiva, em vez de diminuir. Eis o mal-estar: frustração e culpa. (ROUANET, 1993, p. 96)

A inclinação para a agressão, inerente à natureza humana, constitui, segundo Freud (2006), o maior empecilho à civilização e tem origem na pulsão de morte. Porém, como o processo civilizatório se dá por conta da necessidade do homem de se agrupar entre seus semelhantes e com eles se relacionar, a civilização está a serviço de Eros. É do conflito entre estes dois opostos, *Thánatos* e *Éros*, que se dá a evolução da civilização, e “nessa luta consiste essencialmente toda a vida, e, portanto, a evolução da civilização pode ser simplesmente descrita como a luta da espécie humana pela vida” (FREUD, 2006, p 119).

Freud morreu em 1939 e não presenciou os desdobramentos dos conflitos de seu século. O historiador Eric Hobsbawn (1995), em seu livro *A era dos extremos*, aponta que o século XX foi breve, uma vez que as transformações inerentes a ele têm seu início em 1914, com a Primeira Guerra Mundial, e terminam em 1991, com o fim do mundo soviético. Este período, chamado pelo historiador de “era dos extremos”, expôs as falhas do projeto iluminista, e demonstrou que, com o auxílio da razão, o homem chegou à beira de sua autodestruição.

Pouco mais de sessenta anos depois da publicação de *O mal-estar na civilização*, o intelectual brasileiro Sergio Rouanet (1993) discorre sobre o mal-estar na modernidade. Para ele, em nossa época, o *Unbehagen* se manifesta como um ressentimento contra o modelo civilizatório e os contornos que este dá à modernidade, o Iluminismo. Desta forma, o mal-estar moderno se traduz como um “mal-estar contra-iluminista”, se configurando como uma rejeição prática de todo o projeto iluminista.

O racionalismo, o individualismo e o universalismo, principais pilares do projeto iluminista, passam a ser rejeitados, não somente no plano das ideias, mas também nas práticas da sociedade. Assim, “o iluminismo constitucionalizado é vivido como repressivo. O que não deixa de ser paradoxal. Afinal, o objetivo ostensivo do projeto iluminista era emancipatório” (ROUANET, 1993, p. 97).

Tal paradoxo se dá, primeiro, pelo fato de o Iluminismo, em sua concretização, ter utilizado de métodos coercivos, ainda que a força tenha sido limitada pelo estado de direito.

Em segundo, porque em nossa época, como apontam teóricos da cultura como Marcuse, a repressão está transvestida de liberdade; em terceiro, e mais importante, está o fato de que

não é fundamentalmente do recalque das pulsões associadas a Eros que deriva o mal-estar, segundo Freud, e sim do recalque das pulsões agressivas, e nessa perspectiva os ideais humanitários e pacifistas do Iluminismo não podem deixar de ser vistos como profundamente repressivos. (ROUANET, 1993, p. 98)

Em nossa época, assistimos ao retorno do mito e da superstição, a ciência passa a ser vista como um processo de dominação sobre a natureza e sobre os homens, e o irracionalismo passa a caracterizar os comportamentos sociais. Como exemplo, podemos apontar o *boom* de fundamentalismos religiosos, através dos quais o homem parece mergulhar num infantilismo, incapaz de pensar por si mesmo.

O individualismo é dissolvido pela sociedade de massa. Há uma tendência, cada vez mais crescente, ao coletivismo. A fim de reivindicarem seus direitos, os indivíduos se juntam em grupos – seja por motivos étnicos, ideológicos, econômicos ou por conta da opção sexual – nos quais seus anseios individuais são postos de lado pela necessidade coletiva. Não há mais a preocupação em “proteger o direito à *igualdade*, mas o direito à *diferença*, e como essa diferença é sempre grupal, os direitos do indivíduo se subordinam aos direitos de grupo”. (ROUANET, 1993, p. 109)

O universalismo, segundo o qual não haveria diferenças entre a natureza humana, idêntica em qualquer parte e em qualquer tempo, sai de cena e, em seu lugar, assistimos à ascensão, dentre outros, do racismo e do nacionalismo; a xenofobia e a homofobia, por exemplo, são males que assolam nossa época.

Tudo isso é uma manifestação prática da rejeição do projeto iluminista que, apesar de ter motivadores externos, como questões políticas e econômicas, tem também uma origem no substrato pulsional. E é neste ponto que, segundo Rouanet (1993), entra o pensamento freudiano e a psicanálise, que sendo parte do Iluminismo e da modernidade, possui os instrumentos necessários para analisar e compreender o mal-estar antimoderno. Além disso, é ela que pode mostrar o substrato pulsional do irracionalismo, do holismo e do particularismo, demonstrando que as manifestações inerentes a eles são formas de realização dos desejos

pulsionais, de retorno do que fora recalcado. E, por fim, pode atuar no mal-estar em si, fazendo-o mais suportável e amenizando a urgência das necessidades compensatórias vindas do recalque dos instintos pulsionais.

A literatura, enquanto manifestação artística que verte os anseios, as paixões e os ideais do homem, não deixa refletir o mal-estar que assola a humanidade. É nesta perspectiva que faremos uma leitura do conto “Quinta dos Lobos”, do autor português Pedro Paixão, procurando apontar como o mal-estar se manifesta no personagem Ariel, e que implicações acarreta em sua vida.

1. O mal-estar na Quinta dos Lobos

*É apenas mais um homem em desequilíbrio
sobre o fio frio de uma lâmina de cortar*
Pedro Paixão

O conto “Quinta dos Lobos, do autor português Pedro Paixão, é iniciado com uma reflexão acerca da essência humana apontando para a impossibilidade de se fugir da mesma: “pode-se viver na casa mais bonita do mundo, mas é a nossa alma, do princípio ao fim, que habitamos” (PAIXÃO, 2000, p. 356). Ariel Goldberg, cuja nacionalidade não é mencionada na narrativa, vivia e se sentia como um apátrida, não por conta de um sentimento de universalismo, mas pela sensação de “despertencimento” perante a existência, “era um exilado sem pátria onde regressar” (PAIXÃO, 2000, p. 356) e se expressava em diferentes línguas ao decorrer do dia. Rico por conta da herança recebida do pai, pôs-se a viajar levando consigo “três baús de madeira forrados a couro e uma imensa melancolia.” (PAIXÃO, 2000, p. 356).

O personagem de Pedro Paixão é marcado por um mal-estar constante que, sendo parte de seu interior, é levado consigo aonde quer que vá. Indiferente à espécie humana, por considerá-la estranha, gostava de hibiscos, de pavões e de música, identificando-se com o compositor austríaco Mahler por considerá-lo romântico em uma época em que isso era pouco, e doía-lhe viver. Porém, é essa dor, sem a qual, paradoxalmente, não poderia viver,

que lhe proporciona o ser como os outros, pois “não era o que gostaria de ser. Muito poucos são o que gostariam de ser. Era isso o que o fazia continuar a viver, o ser como os outros, sem se saber” (PAIXÃO, 2000, p. 356-357). Percebemos, então, que um dos preceitos do projeto iluminista, o individualismo, através do qual o homem se emanciparia, sendo que “emancipar implicava em individualizar, desprender o homem das malhas do todo social” (ROUANET, 1993, p. 97), não é realizado de forma plena, já que Ariel, assim como os outros, não consegue se realizar enquanto indivíduo, e vive sem “se saber”.

O avanço tecnológico não o encanta, já que é ele que ruína a civilização, “a luz elétrica e a eletricidade em geral tinha acabado por dar cabo da civilização” (PAIXÃO, 2000, p. 357), e deixara a sociedade sem espaço para o “bom povo” que perdera a experiência e “morrera de velhice frente aos aparelhos de televisão” (PAIXÃO, 2000, p. 357), e somente à população, que “se rebojava pelo espaço que restava” (PAIXÃO, 2000, p. 357), sobrara a experiência, a vivência, embora o espaço fosse “muito escasso”. (PAIXÃO, 2000, p. 357)

A única ciência que ainda o encanta é a matemática, por ser exata e não lidar com as imprevisibilidades da vida. Assim como a matemática, Deus também é indiferente aos acontecimentos do mundo, por isso, “contra qualquer angústia, dúvida, sofrimento de paixão, nada melhor que uns dos teoremas de geometria (PAIXÃO, 2000, p. 357)”. Sendo judeu por conta da mãe que era judia, e não por opção, acredita na alma, que na concepção do judaísmo “está dividida em duas tendências: uma superior (celeste) e outra inferior (terrestre). [...] o elemento vital ou terrestre significa a exterioridade; o elemento espiritual ou celeste, a interioridade” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. 34). E do conflito entre estas duas tendências – que poderíamos ler como a luta entre os instintos pulsionais e as imposições culturais –, que provém parte da melancolia do personagem. E por isso, talvez, o pavão seja o animal com o qual se identifica, já que uma das concepções passíveis de serem assumidas pelo animal é de “símbolo da alma incorruptível e da *dualidade psíquica* do homem” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1996, p. 693).

O afastamento da dor que a realidade lhe causa se dá através do refúgio no mundo dos sonhos, “seu único trabalho era sonhar. E fazer perdurar o sonho diante de todas as coisas opacas que resistem levava-o muitas vezes à exaustão” (PAIXÃO, 2000, p. 357). Para tanto,

em lugares sombrios de sua quinta, dedicava-se à leitura de textos em hebraico que não lhe faziam sentido, e por isso poupava-o de pensar.

Assim, a realidade se faz opaca, pesada, inerte e a realização do sujeito só se dá através da fantasia. Sexualmente desinteressado, Ariel não trás consigo a pulsão de *Éros*, e por isso, a realização do amor, também, só se dá no sonho. Seu único amor era a mãe, porém, mantinha-se dela afastado, pois só através do afastamento o sentimento poderá ser mantido. Da mãe não carrega nenhuma fotografia, para que a decadência do corpo não seja por ele percebida, pois, como aponta Freud (2006), uma das fontes de sofrimento do homem é “a fragilidade de nossos próprios corpos [e quanto a isso] nosso julgamento não pode hesitar muito” (FREUD, 2006, p. 115). Para fugir de tal sofrimento, Ariel carrega a mãe na memória, tornando-a uma entidade ideal, pertencente ao mundo de sua imaginação.

O sofrimento causado pela passagem do tempo e pela percepção da efemeridade do corpo são manifestações da consciência infeliz da morte, que arrebatou o personagem de Paixão e o coloca em uma postura de angústia perante a vida, como percebemos em sua fala ao amigo cocheiro: “é dramática a diferença entre os humanos e os outros animais. Não é uma coisa que se veja que se possa medir ou comparar. Os humanos sabem que vão morrer. É só isso, mas isso muda tudo” (PAIXÃO, 2000, p. 359).

Mais aterrador que a morte, para ele, só havia o habitual, já que a morte, “pelo menos, tem a insigne vantagem de estar sempre presente sem nunca precisar se mostrar” (PAIXÃO, 2000, p. 359). Percebemos, então, que a outra fonte de sofrimento do personagem provém da sua inadequação às “regras que procuram ajustar os relacionamentos mútuos dos seres humanos na família, no Estado e na sociedade” (FREUD, 2006, p. 116), ou seja, um sofrimento ligado ao social, e por isso, à civilização. A manifestação prática do mal-estar provocado em Ariel por tal sentimento se dá, portanto, pela rejeição do habitual e das regras sociais. Segundo ele, “ter uma profissão é só ser uma ínfima parte do que se pode ser [...]. Vivia sem qualquer esperança expectativa ou ambição. Suportavam-no as regras que se dava e cujo único critério era serem exceções às usuais” (PAIXÃO, 2000, p. 358) e, por isso,

Passeava com o atrelado pelas estradas de Sintra, de chapéu alto, luvas brancas e um charuto apagado na mão. Nas noites de luar entretinha-se a imitar o uivo dos lobos e a ouvir o seu eco que descia das serra. Dormia no chão da sala, envolto em largos

panos escarlates, frente ao fogo da lareira, quer fosse inverno ou verão. Qualquer cama o aborrecia. (PAIXÃO, 2000, p. 359).

Sua inadequação ao entorno social e às suas exigências, se dá, então, através de hábitos peculiares, como os mencionados acima, e de sua aparência descontextualizada, “tinha o cabelo loiro e comprido puxado para trás e uns óculos de lentes fumadas e aros metálicos muito finos como os dos nossos avós nas fotografias” (PAIXÃO, 2000, p. 358).

Antes de ser solapado pelo sofrimento da existência, e desaparecer, Ariel deixou de se alimentar e passou dias fixando uma figura do quadro apocalíptico “Tentações de Santo Antônio”, do pintor holandês Jerônimo Bosch, que viveu no momento de transição entre a Idade Média e a Moderna e, segundo Gombrich (2008), foi o artista que pela primeira vez “conseguiu dar forma concreta e tangível aos medos que obcecavam os espíritos dos homens da Idade Média” (GOMBRICH, 2008, p. 359). Afirmando ser a figura do quadro “junto a uma ponte, de chapéu alto, manto vermelho e uma espada cravada no chão” (PAIXÃO, 2000, p. 359), Ariel demonstra estar tomado pelo devaneio, traduzindo sua realidade de deslocamento e mal-estar através de um quadro que verte a inquietação e o medo da alma humana perante a maldade e o desconcerto do mundo.

Por fim, a partir de uma leitura possível do nome do personagem, que dialoga com a tradição literária ocidental, podemos apontar que Ariel, o espírito livre, etéreo, que representa as altas aspirações do homem, no conflito com seu duplo Caliban, que representa o homem selvagem movido pelos instintos, abdicando das pulsões de *Éros*, acaba por ser atormentado pela consciência da pulsão de morte, *Thánatos*, e a realidade se torna um fado demasiado pesado para ser suportado, fazendo-se necessário o escapismo através do sonho e a loucura como fim.

Conclusão

Percebemos que o *Unbehagen* marca o personagem de Pedro Paixão, sendo que este mal-estar vem do interior do personagem. Ariel, um homem de posses, carrega consigo uma

constante melancolia, aonde quer que vá. Tal sentimento é alimentado pela arte², chegando a afirmar ser um personagem do quadro “As tentações de Santo Antão”, de Bosch, pintor que traduziu as inquietações mais profundas dos homens de seu tempo.

Assim, percebemos que a civilização não proporciona a realização completa do sujeito. Atormentado seja pela consciência da morte, seja pelo sentimento de não-pertencimento, ele procura algo que dê sentido a sua existência. Ariel, contudo, não consegue suportar o vazio de sua existência, e acaba sendo sucumbido pela loucura e pela morte.

Referências

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. 10 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: _____. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 105-165. v. 21.

HOBSBAWN, Eric J.. *Era dos extremos: o breve século XX - 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PAIXÃO, Pedro. Viver todos os dias cansa. In: _____. *Do mal o menos*. Lisboa: Cotovia, 2000. p. 290-380.

ROUANET, Sérgio Paulo. *Mal-estar na modernidade: ensaios*. Companhia das Letras, 1993.

² Na arte literatura, pela leitura de autores como Lord Byron, símbolo do *spleen* que marcou o Romantismo do século XIX, caracterizado pela negação do racionalismo e do Iluminismo; na música, identifica-se com Mahler, Schubert e Schumann, compositores cuja obra é marcada pelo tom sombrio, melancólico e até funesto; na pintura, como já mencionado, com a contemplação do quadro “As tentações de Santo Antão”, de Bosch.